



## OS DOIS TEMPOS DO ANTIFASCISMO BRASILEIRO NA DÉCADA DE 1930: FRENTE ÚNICA ANTIFASCISTA E ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA

GIOVANI BERTOLAZI BRAZIL<sup>1</sup>;  
ANA MARÍA SOSA GONZÁLEZ<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – giovanibbrazil@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – anasosagonzalez@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Este presente trabalho visa investigar os significados de antifascismo que foram produzidos por duas organizações políticas entre 1933 e 1935 no Brasil: a Frente Única Antifascista (FUA) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Essas frentes, embora tivessem caráter e correlação de forças diferentes, constituíram os momentos de maior unidade entre as distintas correntes que possuíam projetos políticos na época. Ambas expressaram, à sua maneira, uma preocupação com o avanço do fascismo a nível global, com sua expressão nacional, o integralismo e com os rumos do governo de Getúlio Vargas no pós-1930.

O recorte temático que optamos por fazer nesta pesquisa carece de uma ampla bibliografia específica, existindo muitas lacunas a serem preenchidas, além de – e principalmente – serem poucas as pontes entre autores diferentes e que trataram de assuntos próximos, como ABRAMO (2014), CASTRO (1999), MAFFEI (1984), PINHEIRO (1991), PRESTES (2008) e VIANNA (1992).

Existem duas obras monográficas sobre a FUA, a de ABRAMO (2014), de cunho memorialístico e a de CASTRO (1999), de caráter acadêmico, onde o autor ampliou as fontes de pesquisa e realizou um olhar crítico sobre a organização, resgatando sua trajetória, pontuando seus limites e fraquezas e ressaltando sua relação com outros movimentos de luta antifascista anteriores e posteriores.

A investigação da historiografia da ANL também revela um corpo literário relativamente pequeno e que pode ser dividido entre obras de cunho memorialístico e de cunho acadêmico. Do primeiro, a principal representante é a obra de CARONE (1991), seguida pelos trabalhos acadêmicos de PINHEIRO (1991) e de VIANNA (1992). Fazendo uso de um amplo leque de fontes, esses dois autores irão oferecer uma interpretação crítica da história da ANL.

O objetivo central deste trabalho é compreender como se deram os processos de construção de significados de fascismo e de antifascismo por parte da FUA e da ANL. Assim, é importante entender a trajetória das duas organizações, bem como delimitar suas diferenças e bases de atuação.

### 2. METODOLOGIA

Este estudo irá realizar uma revisão bibliográfica da produção literária já existente sobre a temática, visando reconstruir o significado das trajetórias das duas organizações que são seus objetos. Muitas das fontes bibliográficas que foram levantadas, ainda que tratem de temas iguais ou muito semelhantes, dialogam muito pouco entre si, abrindo espaço para que um trabalho que confronte interpretações diferentes (e até mesmo antagônicas) seja possível e pertinente.

É o caso da memória militante em relação às organizações e eventos marcantes do antifascismo brasileiro na década de 1930, onde se observa uma



disputa de narrativas quanto ao pioneirismo e protagonismo dessa luta. Assim, essa questão será problematizada e analisada a partir dos conceitos de memória oficial e memória dissidente, conforme desenvolvidos por POLLAK (1989).

Outra fonte significativa são os órgãos de imprensa antifascistas, neste caso, os periódicos *O Homem Livre*, de São Paulo, porta-voz da FUA e *A Manhã*, do Rio de Janeiro, porta-voz da ANL. Os artigos e notícias presentes nesses jornais carregam os projetos políticos em construção por esses grupos, possibilitando um olhar - mesmo que a partir de um órgão oficial - que não esconde as nuances dos debates no interior do movimento (principalmente se tratando de organizações de frente). Também é necessário compreender a imprensa como espaço dinâmico de construção de sentidos visando intervir na realidade, o que contribui na compreensão buscada sobre os sentidos de fascismo e antifascismo correntes na intelectualidade antifascista da época.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, a pesquisa desenvolvida permitiu trabalhar de maneira preliminar questões teóricas sobre memória, assim como uma discussão teórico-metodológica sobre os usos de fontes de imprensa.

Em relação à discussão sobre memória, foi possível avançar no sentido de explorar aproximações e distanciamentos entre o objeto de estudo escolhido e as noções de memória oficial e memória dissidente (POLLAK, 1989). Assim, levantou-se alguns questionamentos sobre a possibilidade de se aplicar esses conceitos num contexto que difere em muitos aspectos do observado pela história do trabalho europeia, onde autores críticos denunciaram a produção de uma memória “oficial” por parte de um setor ligado aos partidos comunistas (HOBSBAWM, 2000; HAUPT, 1985). Mais adequada é a apropriação das elaborações sobre memória oficial e memória dissidente para examinar a relação entre a memória coletiva nacional impulsionada pelo Estado brasileiro e setores da sociedade na chamada “Intentona Comunista” e a memória dos militantes do Partido Comunista do Brasil e dos tenentistas envolvidos, que ressaltaram como o incidente do levante aliancista de 1935 foi instrumentalizado como pretexto para um avanço autoritário cada vez maior. Ademais, foi possível desenvolver uma provocação a respeito da memorialística trotskista sobre a luta antifascista nos anos 1933-1935, que permitiu a sugestão de que esta se trata de uma memória “dissidente da dissidente”, na medida em que sofre um apagamento e silenciamento em relação à construída pela militância pecebista.

A partir da contribuição de CRUZ e PEIXOTO (2007) sobre as fontes jornalísticas, foi possível delinear diversos aspectos relevantes sobre o jornal da FUA, *O Homem Livre*, tais como o seu projeto gráfico e o seu projeto editorial. Observou-se, também, uma dificuldade em enquadrar um jornal dessa natureza – órgão oficial de uma organização de frente, voltada para um público operário e pequeno-burguês na cidade de São Paulo – como pertencente à grande imprensa à imprensa popular. Apesar disso, foi possível identificar os principais meios que o periódico usava para buscar cumprir aquele que era seu objetivo manifesto: combater o fascismo e o integralismo.

Algumas explorações foram possíveis de se fazer preliminarmente sobre os significados de antifascismo para FUA e ANL e as diferenças de sentido produzidas por cada experiência. No caso da FUA, se trata de uma organização de caráter defensivo, que buscava uma unidade na ação contra o que se enxergava como uma grande ameaça à existência e independência política do operariado como



classe - o fascismo. Já a ANL tinha um caráter propositivo e “ofensivo”, encabeçando aspirações revolucionárias que colocavam em comunhão tenentes “de esquerda” e comunistas pecebistas, pois se postulava como anti-imperialista, antilatifundiária e, por consequência, antifascista. Portanto, percebe-se que a ANL carrega consigo um programa muito mais extenso e amplo do que os pontos básicos de unidade que fundamentavam a ação da FUA.

#### 4. CONCLUSÕES

É necessário ressaltar que este trabalho se trata de uma pesquisa inconclusa, que ainda carece de uma série de aprofundamentos e está suscetível a ligeiras alterações no seu curso, como é natural de qualquer processo de pesquisa científica. Portanto, foram apresentados alguns eixos de problematizações que se pretende responder futuramente, ao final de uma trilha que está em seus primeiros passos.

Foi possível desenvolver um avanço modesto na compreensão dos significados do fascismo e do antifascismo construídos pela Frente Única Antifascista e pela Aliança Nacional Libertadora. Apesar de ainda preliminarmente, foi possível tecer algumas conclusões a respeito das diferenças entre uma organização e outra, no que pese terem tido semelhanças.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Fúlvio. **A revoada dos galinhas verdes**. São Paulo: Veneta, 2014.

CARONE, Edgard. **Brasil: Anos de Crise 1930-1945**. São Paulo: Ática, 1991.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. **Contra a guerra ou contra o fascismo: as esquerdas brasileiras e o antifascismo, 1933-1935**. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, UFF, Niterói, 1999.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. A oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, v. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DEMIER, Felipe Abrantes. **O longo bonapartismo brasileiro (1930-1964): autonomização relativa do Estado, populismo, historiografia e movimento operário**. 2012. 506 p. Tese (Doutorado) - Curso de História, UFF, Niterói, 2012.

FONTES, Virgínia. Prefácio. In: SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de; MELO, Demian Bezerra de; CALIL, Gilberto Grassi (org.). **Contribuição à crítica da historiografia revisionista**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017, p. 7-15.

HAUPT, Georges. Por que a história do movimento operário? **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 208-31, mar/ago. 1985.

HOBSBAWM, Eric. **Mundos do Trabalho: novos estudos sobre História Operária**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LISBOA, Roberto Borges. **Revolução e realidade social na imprensa trotskista brasileira dos anos 1930.** 160 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

MAFFEI, Eduardo. **A Batalha da Praça da Sé.** Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da Ilusão:** A Revolução Mundial e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n.3, 1989. pp. 3-15.

VIANNA, Marly de Almeida G. **Revolucionários de 35:** sonho e realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.